

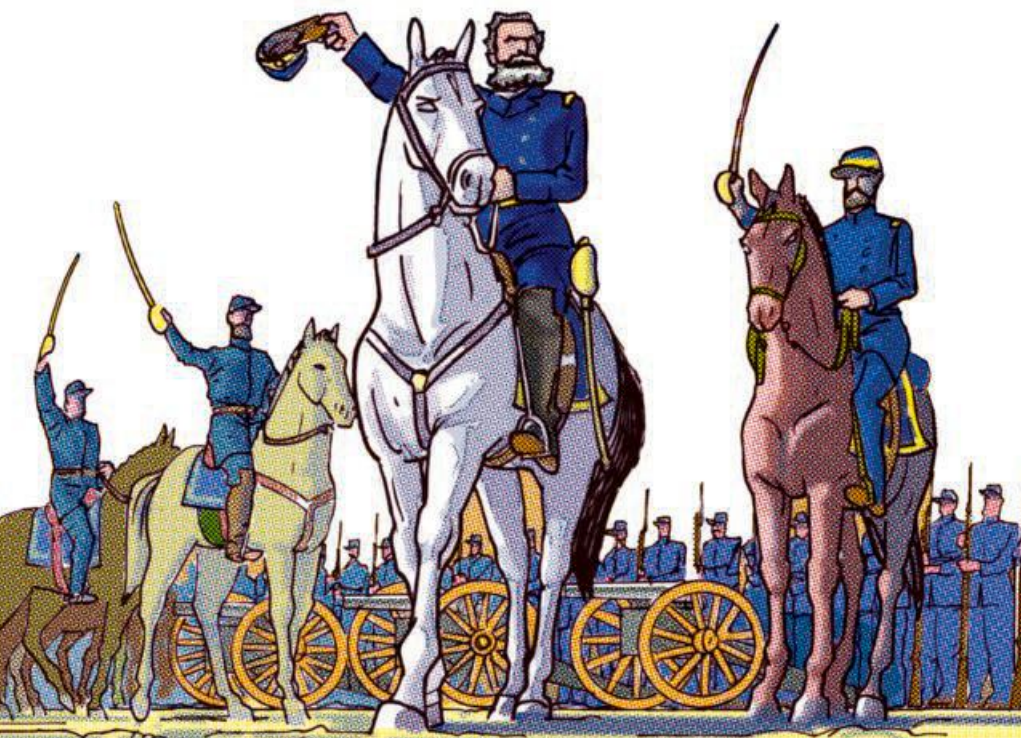
coleção

# moacyr scliar



# Os Cavalos da República

Ilustrações *Luiz Gê*



conforme a nova ortografia da língua portuguesa

**ea**  
editora ática

*Os cavalos da República*

© Moacyr Scliar, 2005

*Diretor editorial adjunto*

*Editor assistente*

*Edição do suplemento*

*Coordenadora de revisão*

*Revisoras*

Fernando Paixão

Leandro Sarmatz

Emílio Hamaya

Leandro Sarmatz

Ivany Picasso Batista

Ana Luiza Couto

Luciene Lima

ARTE

*Projeto gráfico*

*Editores*

*Editores assistentes*

*Editoração eletrônica*

Victor Burton

Antonio Paulos

Cintia Maria da Silva

Claudemir Camargo

Eduardo Rodrigues

Ana Paula Brandão

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S434c

Scliar, Moacyr, 1937-2011

Os Cavalos da República / Moacyr Scliar ; ilustrações de

Luiz Gê. - São Paulo : Ática, 2005

il. - (Coleção Moacyr Scliar)

ISBN 978-85-08-09759-3

1. Brasil - História - Literatura infantojuvenil. 2.

Literatura infantojuvenil. I. Gê, Luiz.

II. Título. III. Série.

05-0463.

CDD 028.5

CDU 087.5

ISBN 978 85 08 09759-3 (aluno)

CL: 730405

CAE: 224520

2017

1ª edição

4ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br – www.aticascipione.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



“Era Deodoro presidente da República quando o convidaram para visitar o *atelier* de Henrique Bernardelli no qual se achava, quasi acabado, o quadro representando a proclamação da República.

O velho soldado parou diante da tela, na qual a sua figura varonil apparecia montando um ginete ardego, examinando-a attento.

De repente, voltou-se para os que o acompanhavam:

— Vejam os senhores! — disse.

E indicando o quadro:

— Quem lucrou no meio de tudo aquillo foi o cavallo!...”

(Humberto de Campos, “A pata do cavallo”,  
*Brasil Aneudoctico*, Rio de Janeiro, Ed. Leite Ribeiro, 1927.)





**D**iz Aristides Lobo, ardente defensor da República, que o povo assistiu bestializado à proclamação do novo regime, sem compreender o que se passava. É possível que assim tenha sido. Um dos espectadores certamente estava perplexo; disso tenho provas. Trata-se de meu bisavô, que deixou a respeito um depoimento surpreendente, como já veremos. Mas, antes, deixem que eu fale um pouco desse homem. Não cheguei a conhecê-lo, mas tenho dele algumas antigas e desbotadas fotos, que sempre examino com muito carinho. Pois o que vejo nelas é um rapaz sorridente, não muito alto nem muito forte, mas simpático, e extremamente parecido comigo. É o que, aliás, dizem todos da família: “Você é igual a seu bisavô”. Talvez por isso me deram os poucos pertences que legou à família: o seu uniforme de gala, sua espada, alguns livros antigos — quase todos sobre cavalos — e várias estatuetas — de cavalos. Era evidentemente fascinado por esses animais.

Ah, sim, e o caderno. Contém um relato não muito longo dos acontecimentos que viveu em 1889 — um período



muito importante na sua vida, e não só por causa da proclamação da República, da qual foi testemunha, mas por motivos pessoais, tão surpreendentes que nem mesmo Aristides Lobo deles cogitaria.

O relato ocupa algumas dezenas de páginas de um velho caderno de capa dura que guardo sempre comigo. Eu o ganhei de meu pai justamente num 15 de novembro, meu aniversário. Por uma curiosa, mas significativa coincidência, nasci no 15 de novembro. O que nem sempre foi para mim motivo de satisfação. Afinal, o dia do aniversário é o mais importante para uma pessoa e, no meu caso, a data ficava prejudicada pelo feriado nacional. Talvez por isso meus pais procuravam me compensar: era uma bela festa a que eles faziam naquele dia. Acresce que eu era o caçula e o mais mimado da família.

No dia em que completei treze anos, meu pai veio me acordar, dizendo que tinha um presente especial. Eu esperava uma bicicleta nova, daquelas incrementadas, uma bicicleta de fazer inveja aos meus amigos. Fiquei decepcionado, portanto, quando ele me mostrou o embrulho do presente: parecia um livro. Não que eu não gostasse de ler; até que gostava; mas estava muito mais a fim de uma bicicleta do que de um romance. Procurando aparentar satisfação, agradei polidamente e coloquei o embrulho de lado.

— Abra — disse meu pai.

— Não é um livro? Eu sei que é um livro.

— Abra.

Abri. Não, não era um livro. Era um caderno, um caderno muito velho. A capa, forrada em couro, estava manchada e gasta pelo tempo. Folheei-o: páginas e páginas de uma caligrafia regular, traçada por uma pena antiga.

— Mas o que é isto? — perguntei, surpreso e contrafeito. Parecia que papai estava fazendo uma brincadeira comigo, uma brincadeira de mau gosto.

— Isso é uma coisa extremamente valiosa — disse ele, sorrindo, e não sem orgulho. — Este caderno tem quase cem anos. Pertenceu ao seu bisavô, que morava no Rio de Janeiro à época da proclamação da República. E nesse caderno ele conta uma coisa extraordinária que lhe sucedeu.

— Que coisa?

— Ora, você tem de ler para saber o que é.

Suspirei.

— Está bom. E quando é que preciso ler isto? Hoje não, não é? É dia do meu aniversário, o pessoal vem aqui.

Ele franziu a testa, desgostoso.

— Você não “precisa” ler o caderno. Estou dando o caderno a você porque acho que vai lhe interessar, assim como interessou a seu avô e a mim.

Eu não estava convencido. Mas, o que é pior, não percebia que estava ferindo meu pai.

— Mas sobre o que é que ele escreveu, afinal? Se é a história da proclamação da República, já conheço. Estudei e até vou estudar de novo, porque cai na prova, mas que é uma coisa muito chata, isso é. Vai me desculpar, papai, mas eu...

